

7

Análise de dados I: Vozes de julgamento

A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos³⁷. (Marcel Proust)

Neste capítulo e no capítulo 8 a seguir, a partir da análise de fragmentos retirados de redações³⁸ produzidas pelos alunos participantes deste estudo, discutiremos as perguntas de pesquisa propostas para este trabalho e apresentadas na introdução do mesmo:

- Que tipos de vozes podem ser identificados nas redações analisadas neste estudo?
- De que forma as vozes evidenciam elementos avaliativos de Julgamento nos textos dos alunos?
- De que maneira as vozes, em diálogo com os elementos avaliativos de Julgamento, constroem os pontos de argumentação presentes nas redações investigadas?
- Como os pontos de argumentação contribuem para a construção do ponto de vista argumentativo, no momento em que os alunos se posicionam sobre a relação entre escrita e inclusão social?

Com o propósito de responder a estas questões, neste capítulo, investigaremos 8 redações, conforme os procedimentos de análise descritos na metodologia anteriormente apresentada. O presente capítulo, então, será dividido da seguinte maneira: a primeira parte compreende a análise de uma redação (cf. 7.1), a fim de exemplificarmos os elementos que serão tratados neste trabalho: *vozes, julgamento, argumentação e posicionamento*. A segunda seção é destinada ao tratamento da *voz do eu* e da *voz do nós* (cf. 7.2). A terceira parte é destinada à

³⁷ Disponível em: http://www.frazz.com.br/frase.html/Marcel_Proust-A_verdadeira_viagem_-_42284. Acesso em: 29 nov. 2012.

³⁸ As redações serão mantidas no original, tal como foram escritas pelos alunos.

investigação das vozes de julgamento (cf. 7.3) e está dividida em uma subseção, que aborda a caracterização das principais vozes encontradas nas redações (cf. 7.3.1). Por fim, a última parte compreende a análise da proposta encaminhada às escolas (cf. 7.4), tendo uma subseção que trata, especificamente, de uma redação cujas vozes estão muito próximas daquelas encontradas na proposta (cf. 7.4.1).

Como critério de identificação dos elementos por nós investigados, optamos pelo uso de cores, sendo que, como poderemos perceber, existem sobreposições quando um determinado elemento pode incluir outro diferente. As cores escolhidas foram as seguintes:

Cor/ Elemento investigado
Ponto de vista argumentativo
Pontos de argumentação
<u>Vozes</u>
Julgamento

Figura 9 – Convenções adotadas para identificação dos elementos investigados.

Dessa forma, neste capítulo, investigaremos, mais especificamente, as vozes e o Julgamento, trazendo, principalmente, a caracterização das vozes em diálogo com as avaliações de comportamento encontradas nos textos. A seguir, no capítulo 8, discutiremos as vozes de julgamento na construção de pontos de argumentação, bem como apresentaremos a concepção de escrita e inclusão social na perspectiva dos alunos participantes desta pesquisa, a fim de observar melhor o posicionamento deles acerca da temática que move este trabalho.

7.1

Vozes, julgamento, argumentação e posicionamento: apresentação inicial

Com intuito de analisar as vozes que evidenciam elementos avaliativos de Julgamento, que compõem os pontos de argumentação presentes nos textos dos alunos investigados, trataremos, inicialmente, da redação de João, com o objetivo de demonstrar a interseção entre os quatro elementos que norteiam a análise deste estudo: *vozes, julgamento, argumentação e posicionamento*.

Contudo, antes de prosseguirmos, é importante rever alguns pontos fundamentais que aqui serão estudados. O primeiro deles diz respeito à concepção de **voz** por nós abordada. Como já mencionado no capítulo 3 (cf. p. 46), entendemos que a noção de voz corresponde à presença de diferentes discursos que entremeiam os textos dos estudantes pesquisados, podendo ser mais próxima da experiência particular do aluno (**voz do eu**) ou mais ligada a outros enunciados que circulam em nosso meio social (**voz do nós**), conforme veremos na próxima subseção. Logo, nomearemos as diferentes vozes que constroem as redações, com base nos principais enunciados que as mesmas carregam. Em consequência disso, as vozes têm íntima relação com os discursos ideológicos presentes na sociedade, por isso são carregadas de avaliações de Julgamento, outro conceito importante para esta pesquisa.

No capítulo 4 (cf. p. 62), vimos que o **Julgamento** é o subsistema da Teoria da Avaliatividade que diz respeito às avaliações de comportamento humano, podendo estar ligado à estima social ou à sanção social. Tendo em vista que as vozes são compostas por Julgamento, partimos do pressuposto de que a argumentação é evidenciada a partir de avaliações de Julgamento. Então, a **argumentação** é entendida como atividade estruturante de todo discurso, sendo constituída pelo **ponto de vista argumentativo** – que compreende o ponto de vista central (global, total) defendido na redação, que em alguns casos pode corresponder à tese – e pelos **pontos de argumentação** – que são utilizados para compor a tese defendida, sendo, portanto, os pontos específicos, ou seja, são ideias mais localizadas (cf. cap. 5, p. 74).

Levando em conta as vozes de julgamento na construção de pontos de argumentação, temos, então, o **posicionamento** do aluno sobre a importância (ou não) da escrita para a inclusão social. A fim de observarmos como os quatro elementos aqui apresentados se configuram em um texto, passaremos para a análise da redação de João, aluno da turma A, para posteriormente verificarmos as vozes, o julgamento, a argumentação e o posicionamento em outras produções textuais, distribuídas nos capítulos de análise deste trabalho.

A redação do João é composta por quatro parágrafos, todos construídos a partir de vozes de julgamento, que são evidenciadas nos pontos de argumentação, conforme podemos observar a seguir:

Redação 11 – “Que país é esse?”: turma A, João (cf. Anexo, p. 193).

1° parágrafo	1	O ensino da escrita no Brasil e muito fraco, na verdade tudo nesse país e
	2	fraco. O Brasil deve rapidamente tomar uma séria atitude para melhorar
	3	as condições de vida o mais breve possível para que no futuro possamos
	4	ter ótimos profissionais em diversas áreas e setores. <u>E a base de tudo é a</u>
	5	<u>educação, sem ela ninguém pode chegar ao sucesso, mas há algumas</u>
	6	<u>exceções como é o caso das estrelas por exemplo como jogadores de</u>
	7	<u>futebol.</u>
2° parágrafo	8	<u>O próximo passo é investir na melhora da saúde que está extremamente</u>
	9	<u>precária,</u> tem pessoas morrendo nos ospitais públicos por falta de vagas,
	10	por falta de médicos isso é um absurdo!
3° parágrafo	11	Um outro fator super importante também é o saneamento básico,
	12	existem milhares de rios super poluídos enfeando as cidades e
	13	transmitindo muitas doenças, <u>se os políticos não desviassem tanto</u>
	14	<u>dinheiro</u> o Brasil teria tudo para ser a maior e mais bela potência da
	15	terra, <u>mas brasileiro é um povo relax que não pensa direito, só querem</u>
	16	<u>saber de festas, carnavais e feriado e não pensam nesses fatores super</u>
	17	<u>importantes para a melhora das próprias vidas deles.</u>
4° parágrafo	18	<u>Saber ler e escrever bem é o principal ponto para se chegar ao sucesso,</u>
	19	<u>as escolas devem adotar uma maneira para que os alunos entendam que</u>
	20	<u>saber escrever é de suma importância para a convivência com as pessoas</u>
	21	<u>nos dias de hoje, para que possam se expressar bem sem gírias e se</u>
	22	<u>incluírem na sociedade.</u>

Nas linhas 1 e 2, destacadas em rosa, o aluno começa a sua redação com o seu ponto de vista argumentativo, que está na ênfase de uma crítica ao Brasil. Para defender o seu ponto de vista global, o aluno cria pontos de argumentação, que estão marcados em azul. Além disso, podemos perceber que a tese não está de acordo com a temática pedida na proposta; na realidade, o ensino da escrita e a sua importância para a inclusão social, aparecem como pano de fundo nesse texto. Ao lançar mão de vozes carregadas de avaliações de Julgamento, João trata das problemáticas vivenciadas pelo Brasil, como observamos no segundo e terceiro parágrafos, momento em que o aluno fala da saúde e do saneamento básico.

O primeiro ponto de argumentação, baseado em uma voz advinda de uma opinião comum, está presente nas linhas 4 e 5, destacadas em azul, que compreende o valor atribuído à educação, uma das principais responsáveis pelo “sucesso”. No entanto, a partir de uma oração adversativa, seguida pelo uso do “mas”, João declara que existem as exceções, como por exemplo, os jogadores de futebol. Nesse momento, observamos que o aluno complementa o seu ponto de argumentação com a voz presente na proposta de redação, relacionada com o segundo texto motivador, depoimento dado por um discente, o qual enfatiza o caso dos jogadores de futebol, isto é, das “estrelas”, como exposto abaixo.

Redação 11 – “Que país é esse?”: turma A, João – 1º parágrafo.

1º parágrafo	4	ter ótimos profissionais em diversas áreas e setores. <u>E a base de tudo é a</u>
	5	<u>educação, sem ela ninguém pode chegar ao sucesso, mas há algumas</u>
	6	<u>exceções como é o caso das estrelas por exemplo como jogadores de</u>
	7	<u>futebol.</u>

Texto motivador presente na proposta – depoimento de um aluno (cf. Anexo, p. 181)

Acho mesmo que escrever é importante, quer dizer, saber escrever. Só que muita gente se esquece que há muitos artistas, jogadores de futebol e até empresários que nem tem o primeiro grau, mas acumulam muitos milhões em suas contas bancárias.

Levando em consideração que o primeiro ponto de argumentação trata da importância da educação para a sociedade atual, podemos dizer que haveria uma relação próxima entre o primeiro ponto e a temática da proposta. Contudo, isso não ocorre no decorrer do seu texto, pois no segundo parágrafo, João aborda problemas referentes à saúde.

Redação 11 – “Que país é esse?”: turma A, João – 2º parágrafo.

2º parágrafo	8	<u>O próximo passo é investir na melhora da saúde que está extremamente</u>
	9	<u>precária, tem pessoas morrendo nos ospitais públicos por falta de vagas,</u>
	10	<u>por falta de médicos isso é um absurdo!</u>

Nas linhas 8, 9 e 10, o estudante sai completamente do tema referente à educação e entra na esfera da saúde, ressaltando os problemas enfrentados pelos hospitais públicos, como falta de vagas e de médicos. Apesar de esse ponto de argumentação não ter relação com o tema da proposta, precisamos deixar claro que, por outro lado, há complementaridade com o ponto de vista argumentativo apresentado nas linhas 1 e 2, já que João diz que “tudo nesse país é fraco”. Logo, a saúde oferecida pelo governo, assim como a educação e o saneamento básico (descrito no 3º parágrafo), não preenchem as expectativas desse aluno, que espera investimentos e melhorias. Temos, nesse caso, uma avaliação de JULGAMENTO negativo, no qual João declara que é necessário investir na melhoria da saúde, uma vez que, conforme ele declara na linha 13, os políticos desviam dinheiro público, deixando de investir em setores fundamentais para o bem estar da população. Do mesmo modo, João aborda a falta de saneamento básico no país, criando outro ponto de argumentação que irá sustentar a sua tese.

Redação 11 – “Que país é esse?”: turma A, João – 3º parágrafo.

3º parágrafo	11	Um outro fator super importante também é o saneamento básico,
	12	existem milhares de rios super poluídos enfeando as cidades e
	13	transmitindo muitas doenças, se os políticos não desviassem tanto
	14	dinheiro o Brasil teria tudo para ser a maior e mais bela potência da
	15	terra, <u>mas brasileiro é um povo relax que não pensa direito, só querem</u>
	16	<u>saber de festas, carnavais e feriado e não pensam nesses fatores super</u>
	17	<u>importantes para a melhora das próprias vidas deles.</u>

Nas linhas 11, 12 e 13, destacadas em azul, temos mais um ponto de argumentação que, apesar de corroborar a tese inicialmente apresentada nas linhas 1 e 2, não têm relação nenhuma com a temática proposta. Além disso, observamos que a partir de uma GRADAÇÃO de força no grau de intensidade (linha 11), o aluno declara que um fator “super importante” é o saneamento básico, o que demonstra que ele enfatiza, com o uso do “super”, a importância de levarmos em consideração a falta de saneamento básico em nosso país. Podemos perceber que falar em problemas referentes à saúde, como no 2º parágrafo, e ao saneamento básico está longe do tema da redação que era “a importância da escrita para a inclusão social”. O terceiro parágrafo também é composto por mais um ponto de

argumentação, que compreende uma voz de julgamento negativa, em que o brasileiro é caracterizado como um “povo relax” (linha 15), isto é, que não se importa com aquilo que acontece ao seu redor (*voz do nós*).

O último parágrafo (linhas 18 a 22), por outro lado, retrata o tema que deveria ter sido abordado na redação como um todo, já que é o momento em que há, com maior clareza, a afirmação de que a escrita é importante para a inclusão social.

Redação 11 – “Que país é esse?”: turma A, João – 4º parágrafo.

4º parágrafo	18	<u>Saber ler e escrever bem é o principal ponto para se chegar ao sucesso,</u>
	19	<u>as escolas devem adotar uma maneira para que os alunos entendam que</u>
	20	<u>saber escrever é de suma importância para a convivência com as pessoas</u>
	21	<u>nos dias de hoje, para que possam se expressar bem sem gírias e se</u>
	22	<u>incluírem na sociedade.</u>

Assim, no quarto parágrafo, ao terminar a sua redação com mais um ponto de argumentação, destacado em azul, o aluno o completa com uma avaliação de JULGAMENTO negativo do comportamento da escola, pois ele declara que a mesma “deve adotar” alguns procedimentos para conscientizar o aluno acerca da importância da escrita para a convivência social. Com isso, João parece mostrar que a escola – representada, principalmente, pelos diretores, coordenadores e professores – não se comporta (JULGAMENTO) de forma favorável a satisfazer as necessidades de seus alunos, ao mesmo tempo em que ela não desempenha (APRECIÇÃO) o seu papel, enquanto uma das principais instituições responsáveis pela inclusão, caracterizando assim, a presença de vozes oriundas de discursos que circulam socialmente, conforme veremos na subseção 7.3 (p. 108). Além disso, João (linhas 21 e 22) avalia negativamente os discentes que não se expressam bem, já que, segundo ele, muitos utilizam as gírias em seu dia a dia. Mais uma vez, o autor traz vozes associadas aos discursos sociais (*voz do nós*), ressaltados pelo tracejado verde nas linhas 19, 21 e 22.

Podemos concluir que a partir de vozes de julgamento o aluno cria pontos de argumentação, distantes da temática. Por conta desse distanciamento não é muito claro o seu posicionamento acerca da importância da escrita para a inclusão social, apesar disso, João, na linha 18, nos mostra que a “boa escrita” pode nos

levar ao sucesso, o que nos permite inferir que ele a considerada fundamental para a inclusão do sujeito na sociedade.

É válido acrescentar também que o título do texto “Que país é esse?” está mais voltado para as problemáticas vivenciadas pelo Brasil do que com o próprio tema da proposta, pois tal título faz alusão a uma música famosa do grupo Legião Urbana³⁹, a qual é reconhecida pelo seu tom de crítica à sociedade brasileira. Poderíamos dizer, com isso, que o aluno fugiu quase que completamente do tema e que sua redação estaria inadequada. Além disso, João coloca a temática central como sendo secundária, quando, na verdade, deveria ser o seu ponto de vista global. Dessa maneira, em termos de adequação ao tema, o aluno parece não ter atingido os objetivos propostos, já que fugiu da temática.

No entanto, precisamos reconhecer que o estudante abordou o tópico pedido, mesmo que em segundo plano, isto é, apenas no último parágrafo, e utilizou argumentos para a defesa do seu ponto de vista, que estava bem no início do seu texto. Concluímos, então, esta parte inicial afirmando que a redação “Que país é esse?” é um texto argumentativo, ainda que se afaste das convenções prototípicas do gênero redação escolar, seja pela falta de coerência na apresentação da tese e dos argumentos para a sua sustentação, ou pela fuga do tema.

Percebemos que o gênero, conforme discutido no capítulo 5 (cf. p. 77), é uma forma de ação social, sendo responsável por organizar a experiência humana. Observamos que João organiza as suas experiências de modo que revela os meios pelos quais ele vê e interpreta o mundo. Assim, ratificamos a ideia de que o gênero é um processo social que surge em resposta a determinadas situações, sendo, por esse motivo, fruto de seu contexto de produção.

Com intuito de entendermos melhor a noção de *voz do eu* e *voz do nós*, temas aqui abordados, dedicaremos a próxima subseção para o tratamento desses termos, que são fundamentais para compreendermos os diferentes discursos que entremeiam os textos dos alunos investigados. Como vimos até agora, os enunciados presentes na redação de João revelam discursos que circulam em nosso meio social, muitas vezes associados a crenças e estereótipos como, por

³⁹ Letra disponibilizada no Anexo (cf. p. 182).

exemplo, o seu posicionamento sobre os brasileiros, considerados como um “povo relax” (linha 15).

7.2

A voz do eu e a voz do nós

Dando prosseguimento à análise, mais especificamente das vozes que compõem os enunciados dos alunos investigados, passaremos para a investigação da *voz do eu* e da *voz do nós*. Acreditamos que todas as vozes aqui abordadas podem estar relacionadas com a experiência particular do aluno, que nomeamos como a **voz do eu** ou podem estar ligadas aos enunciados que circulam na sociedade, tidos aqui como a **voz do nós**. Apesar de estarem divididas, observamos que as vozes que se compõem a partir das experiências pessoais dos estudantes (*voz do eu*) se constituem pelo diálogo que mantém com as demais vozes sociais (*voz do nós*), como encontraremos nas redações de Kelly e de Anna Paula, alunas da sala A.

Kelly, em sua redação “Educação ou desvalorização” (cf. Anexo, p. 187), constrói o seu texto com base em avaliações de Julgamento de valor negativo, mostrando uma crítica social muito forte ao comportamento dos governantes de nosso país, em relação ao tratamento que os mesmos dão ao ensino. Com base nessas avaliações, a aluna traz a voz da experiência particular, em diálogo com as demais vozes sociais, para defender o seu ponto de vista argumentativo, de que o descaso público com o ensino é visível (linha 1), gerando profundas consequências para os estudantes. Assim, podemos dizer que o sistema do ENGAJAMENTO, no que diz respeito à linguagem monoglóssica e heteroglóssica (cf. cap. 4, subseção 4.2.2, p. 65), é evidenciado no texto de Kelly, no momento em que a aluna dialoga com enunciados compostos por uma única voz e com os inúmeros discursos presentes na sociedade.

Redação 5 – “Educação ou desvalorização?”: turma A, Kelly – 1º parágrafo.

1º parágrafo	1	<u>No nosso país a educação é pouco valorizada.</u> Os nossos governantes
	2	não querem enxergar que para formar bons profissionais precisamos de
	3	uma reforma urgente no que eles chamam de ensino.

No primeiro parágrafo (linha 1), Kelly constrói sua tese, destacada em rosa, expressando um JULGAMENTO de valor negativo, pois o que está sendo avaliado é o comportamento de um grupo social, descrito como os governantes e não o próprio país. A sua tese é composta por um Julgamento que evidencia uma voz relacionada com um posicionamento comum, de que a educação no Brasil é pouco valorizada. Em sequência, há mais um JULGAMENTO de valor negativo, quando a aluna afirma que “os nossos governantes não querem enxergar que para formar bons profissionais precisamos de uma reforma urgente no que eles chamam de ensino” (linhas 1 a 3).

Redação 5 – “Educação ou desvalorização?”: turma A, Kelly – 2º parágrafo.

2º parágrafo	4	Observa-se claramente o descaso público com o ensino, através das
	5	gírias que tomaram as comunidades carentes, formando um novo
	6	idioma. Sem o preparo educacional necessário essas pessoas perdem
	7	grandes oportunidades no meio profissional, além de conviverem com
	8	uma realidade precária e violenta, optando pela vida criminosa.

No segundo parágrafo, Kelly continua avaliando o descaso público com a educação (linha 4) e traz uma nova avaliação, só que agora é referente aos moradores de comunidades carentes, que usam as gírias. Após declarar que “as gírias tomaram conta das comunidades carentes” (linha 5), a aluna, no sistema do ENGAJAMENTO utiliza a linguagem heteroglóssica, representada por uma voz baseada em estereótipos sociais, uma vez que afirma ser esse fato propulsor da construção de um novo idioma. Os moradores dessas comunidades são, então, avaliados negativamente e, como consequência do descaso público, “perdem grandes oportunidades no meio profissional”, caracterizando um JULGAMENTO, em que a exclusão surge como uma forma de sanção social, isto é, como uma punição social. Tais pessoas, ao perderem grandes oportunidades no meio profissional, optam pela vida criminosa (*voz do nós*). Entretanto, muito mais do que uma “opção” pelo crime, é uma forma de exclusão perpetuada pela própria sociedade, que “empurra para a margem tão grande proporção de seus jovens” (cf. texto motivador 3 presente na proposta de redação, p. 181).

Redação 5 – “Educação ou desvalorização?”: turma A, Kelly – 3º parágrafo.

3º parágrafo	9	Nos vemos abandonados, pois não estamos recebendo o preparo
	10	necessário na área educacional e muitas vezes sem percebermos
	11	adotamos um vocabulário totalmente sem sentido.

No terceiro parágrafo, Kelly, com base em uma linguagem monoglóssica, isto é, que está voltada para a voz da experiência particular, ao mesmo tempo associada às demais vozes (linguagem heteroglóssica), se inclui na condição de “jovem abandonado”, pois ela utiliza um pronome de terceira pessoa do plural. Ao se incluir nessa condição, traz a *voz do eu* e demonstra um sentimento de insatisfação com o descaso público, representado por uma avaliação de AFETO. Podemos dizer, então, que toda crítica construída no decorrer da sua redação estava baseada na *voz do eu* em diálogo, sobretudo, com as demais vozes sociais (*voz do nós*) encontradas em seu texto. Tais vozes são construídas a partir de avaliações de Julgamento como observamos nas linhas 9, 10 e 11. Sendo assim, podemos afirmar que sua redação é resultado de um contexto de produção, que surge em resposta a enunciados anteriores, caracterizando o gênero em questão como uma atividade social (cf. cap. 5, p. 77).

Anna Paula, outra aluna da turma A, em sua redação “A importância do estudo” (cf. Anexo, p. 185), também lança mão da *voz do eu*, junto com a *voz do nós* para defender a importância da boa formação na inclusão social, evidenciando o sistema do ENGAJAMENTO, com relação ao uso da linguagem monoglóssica e heteroglóssica. A partir de avaliações de Julgamento negativo, a autora demonstra que a sociedade atual é diferente daquela vivenciada pelo seu pai.

Redação 3 – “A importância do estudo”: turma A, Anna Paula – 1º, 2º e 3º parágrafos.

1º p.	1	Ler e escrever faz parte do cotidiano das pessoas isso é a base, a peça
	2	fundamental hoje em dia e sempre para a convivência na sociedade.
2º parágrafo	3	A fala é muito importante para tudo pois é através dela que
	4	escrevemos adequado, e essa união é fundamental se sabemos falar
	5	conseguiremos escrever bem, e teremos um bom futuro pois para
	6	tudo que fizermos seja na escola, na faculdade, em um trabalho
	7	precisamos deles para agirmos e comportarmos adequadamente.
3º parágrafo	8	Vemos em jornal, televisão, revista... muitos jovens afastados das
	9	escolas por vários motivos e isso afeta o futuro do mesmo o que não
	10	pode ocorrer temos todos que dar uma chance para a escola e o
	11	ensino pois o mundo não está mais igual.

No terceiro parágrafo, Anna Paula utiliza a voz do discurso que circula nas grandes mídias, com intuito de corroborar o seu ponto de argumentação, indicado em azul, que é a importância da escola para o futuro dos jovens. Embora o ponto de argumentação não esteja tão claro, podemos inferir que a aluna deseja enfatizar o papel da escola na formação do sujeito, assim como faz no quarto parágrafo, abaixo. A autora também coloca a escola como sendo a vítima de um mundo desigual, pois acredita que os discentes, incluindo ela mesma, precisam “dar uma chance para a escola e o ensino” (*voz do nós*). Ainda no final do terceiro parágrafo (linha 11), Anna Paula faz uma avaliação de APRECIÇÃO negativa do mundo, ao dizer que ele “não está mais igual”.

Redação 3 – “A importância do estudo”: turma A, Anna Paula – 4º parágrafo.

4º parágrafo	12	Hoje em dia <u>temos que estudar e muito</u> porque uma boa formação é
	13	necessário para conquistar um bom emprego e termos um futuro
	14	promissor bom : se não tivermos uma boa formação somos excluídos
	15	da sociedade pois a sociedade exige e atualmente exige muito .
	16	Antigamente não precisava tanto do estudo como hoje por exemplo
	17	meu pai trabalha em estaleiro ganhando bem e tem pouco estudo só
	18	se formou até a 8ª série.

Logo em seguida, no quarto parágrafo, ao utilizar uma realidade atual, a autora constrói o seu argumento com base em uma experiência particular, já que se inclui nessa realidade: “temos que estudar e muito” (linha 12). Além disso, ela usa uma GRADAÇÃO de força, quando intensifica o fato de termos que estudar, sobretudo, estudar muito. A partir do uso excessivo dos adjetivos “bom” e “boa” (quatro ocorrências), destacados no texto em negrito, nas linhas 12, 13 e 14, percebemos uma ênfase na voz do discurso que circula na sociedade globalizada, uma vez que há priorização do que é considerado bom, não em termos de satisfação pessoal/profissional, mas de satisfação financeira (status social). Não é por acaso que Anna Paula utiliza o testemunho do seu pai, para mostrar a ênfase na questão financeira (linhas 17 e 18). Ao fazer, também, uma comparação entre o mundo atual e o antigo (linha 16), a discente cria uma avaliação de JULGAMENTO negativo da sociedade, que exclui o sujeito caso ele não tenha uma boa formação. Como consequência dessa falta de formação, a pessoa é excluída da sociedade, resultado de uma sanção social, ou seja, de uma punição.

Identificamos o uso do testemunho de um fato ocorrido com o seu pai (linhas 17 e 18), caracterizando a presença da voz da experiência particular, ou seja, a voz *do eu*. Mas para construir tal voz, foi necessário que Anna Paula utilizasse as demais vozes, como vimos acima, que juntas com a dela formou um dos seus pontos de argumentação: atualmente, é necessário ter uma boa formação.

Enfim, é possível perceber que as vozes são compostas por avaliações de Julgamento, que parecem refletir não apenas o posicionamento dos alunos acerca da temática proposta, mas, sobretudo, do mundo que os cercam, revelando o gênero como processo e ação social, que é envolvido pelo seu contexto de produção (cf. cap. 5, seção 5.2, p. 77). Logo, é necessário investigarmos os tipos de vozes que circulam nos discursos dos participantes deste estudo, com o objetivo de observarmos as avaliações de Julgamento utilizadas nas redações estudadas, como faremos na próxima seção.

7.3 Vozes de Julgamento

A fim de investigar os diferentes tipos de vozes utilizados pelos escritores no momento em que dissertam sobre a relação entre escrita e inclusão social e

como essas revelam as avaliações de Julgamento, dedicaremos esta seção para a análise das vozes de julgamento presentes nas redações aqui investigadas. Para tal, trataremos de 5 textos, entretanto, afirmamos que todos os demais apresentam avaliações perpassadas por inúmeras vozes, uma vez que todos recebem influência dos discursos ideológicos que permeiam a sociedade, sendo, portanto, constituídos por diversos elementos avaliativos.

É fundamental ressaltarmos que, ainda que muitas vozes estejam presentes nos textos por nós investigados, nomearemos as mais frequentes, com intuito de entender melhor os discursos utilizados pelo aluno para construir o seu posicionamento acerca da relação entre escrita e inclusão social. Dessa forma, nomearemos as vozes de acordo com os principais discursos que elas carregam, pois toda palavra tem um sentido ideológico (Bakhtin, 2003), que revela enunciados específicos de determinados contextos situacionais. Conforme veremos no decorrer da análise deste estudo, existem enunciados próprios do contexto pedagógico, por exemplo, mas que também podem fazer parte de outros contextos de interação. Sendo assim, é importante deixar claro que as escolhas aqui realizadas irão refletir nosso posicionamento acerca daquilo que estamos investigando, podendo nosso objeto de investigação (as vozes) ter outras significações possíveis, a depender da forma como é observado.

Assim, o primeiro discurso encontrado com bastante evidência nos textos dos alunos foi aquele que corresponde aos enunciados presentes na Gramática Tradicional. Dentre as 12 redações selecionadas para este trabalho, apenas 2 não apresentam palavras como “saber, bem, correto” (e suas derivações)⁴⁰, que nos remetem à visão da escrita correta, de acordo com as regras estipuladas nos compêndios gramaticais. O quadro a seguir, nos mostra tal ênfase:

⁴⁰ Tal busca foi realizada manualmente e somente foram contabilizadas as palavras que faziam referência direta aos discursos presentes na Gramática Tradicional, isto é, aqueles que enfatizavam o saber escrever corretamente.

Redação	Saber	Bem	Correto	Redação	Saber	Bem	Correto
1	3	1	0	7	1	1	0
2	1	0	0	8	2	0	1
3	1	1	0	9	0	0	0
4	1	0	0	10	2	1	1
5	0	0	0	11	2	2	0
6	1	0	1	12	0	0	1

Tabela 1 – Ocorrência de itens lexicais

As ocorrências frequentes dos itens lexicais expostos na tabela 1 nos levaram a encontrar a presença do discurso propagado pela Gramática Tradicional (GT), que enfatiza o “saber” falar e escrever segundo as suas regras gramaticais, conhecidas socialmente como corretas e adequadas se comparadas às demais variedades. Como visto no capítulo 2 (cf. p. 31), o ensino da escrita em língua portuguesa na Educação Básica tem privilegiado a gramática como objeto único e suficiente em si, o que nos faz perceber que tal ênfase presente nos textos aqui investigados, pode estar relacionada com a influência dos estudos gramaticais na maioria das escolas brasileiras. A redação “A importância da escrita” (cf. Anexo, p. 184) de Aline, estudante da turma B, é um bom exemplo para observarmos a influência do discurso presente na GT, visto que a aluna enfatiza o uso da escrita formal.

Redação 2 – “A importância da escrita”: turma B, Aline – 4º parágrafo.

4º parágrafo	6	A maioria dos jovens de hoje em dia conseguem ter mais acesso à
	7	internet, e a grande maioria possui o MSN, o facebook, entre outras
	8	fontes de comunicação, porém, existe um grande erro dos jovens,
	9	abreviar palavras como por exemplo: você = vc. Isso prejudica
	10	<u>muito na escrita formal do jovem. O que era para se bom (a</u>
	11	<u>comunicação e o exercer da escrita formal...</u> acaba sendo
	12	<u>prejudicial, pois usam a escrita de forma errada,</u> e isso pode causa
	13	um grande problema no futuro, porque na hora que forem fazer uma
	14	prova de vestibular na parte escrita <u>não sabem usar a palavra na</u>
	15	<u>forma certa.</u> Aí veram como a escrita formal, a língua portuguesa é
16	de grande valor.	

A partir dos itens lexicais destacados em negrito, nas linhas 8, 9, 10, 12, 15 e 16, conseguimos perceber que Aline trabalha no eixo dicotômico que separa a norma padrão/ formal das demais variedades, utilizando as noções de certo *versus* errado e bom *versus* ruim. Ao dizer, nas linhas 6, 7 e 8, que a Internet e os outros meios de comunicação têm exercido uma influência negativa na escrita formal de muitos jovens, que passaram a abreviar as palavras, a estudante mostra que a escrita padrão precisa ser a única ensinada nas escolas. A noção de adequação linguística não é levada em conta, assim como geralmente faz a Gramática Tradicional, uma vez que parece não haver a possibilidade de o aluno aprender a usá-la de forma diferente, a depender do seu contexto de uso. Assim, a escrita informal presente, principalmente, na Internet, é descrita como prejudicial e errada, em oposição à escrita formal que é tida como certa e de grande valor.

Ao criar o seu posicionamento, Aline lança mão do JULGAMENTO quando avalia negativamente o comportamento dos jovens que utilizam a escrita informal, pois muitos deles terão dificuldades para usar a escrita padrão no momento em que forem fazer um vestibular (linhas 13 e 14). O discurso propagado pela Gramática Tradicional vem carregado de Julgamentos, já que há determinado preconceito contra aqueles que se afastam dos padrões estipulados pelos compêndios gramaticais.

De igual modo, Priscila, aluna da turma B, em sua redação “A importância da escrita” (cf. Anexo, p. 183), traz nuances dos enunciados presentes na GT, porque a discente enfatiza o uso do “bom português” associado à escolarização.

Redação 1 – “A importância da escrita”: turma B, Priscila – 3º parágrafo.

3º parágrafo	1	<u>Como ser sequer um artista se não sabe pronunciar bem uma palavra?</u>
	2	<u>Como se incluir na sociedade sem ter estudado um bom português</u>
	3	<u>durante a escolaridade?</u>

Na linha 1, Priscila, a partir de uma pergunta retórica – “como se incluir na sociedade sem ter estudado bem um português durante a escolaridade?” – demonstra a importância da norma padrão que é ensinada nas escolas. Dessa forma, podemos observar que somente após um período longo de escolaridade é que o sujeito saberá falar e escrever adequadamente, para, a partir de então, ser incluído na sociedade. Tal posicionamento pode estar associado à ideia propagada

em muitos contextos escolares, de que não é tão necessário aprender a produzir e compreender textos, como discutido no capítulo 2 (cf. p. 31), mas apenas com a aprendizagem do “bom português” (linha 2). Da mesma maneira, observamos a presença de uma avaliação de JULGAMENTO que é evidenciada na linha 1, quando a aluna questiona o fato de que é praticamente inviável um artista não saber “pronunciar bem uma palavra”. Além disso, a ênfase no “bom português” reitera o posicionamento veiculado pela GT e por muitas escolas brasileiras (cf. cap. 2, p. 31). Podemos dizer, também, que as palavras bem (linha 1) e bom (linha 2) caracterizam uma GRADAÇÃO de foco, no mecanismo de reforço, visto que as sentenças “pronunciar **bem** uma palavra” e o “**bom** português”, constituem uma carga avaliativa de Julgamento, voltadas para o uso do bom português.

Logo, o primeiro discurso que identificamos com mais clareza foi o correspondente aos enunciados propagados pela Gramática Tradicional, que estão voltados para o saber correto/ adequado em contraposição ao saber tido como incorreto/ inadequado, geralmente, aquele presente na fala/escrita coloquial. Sabemos que a noção de erro foi criada pelos elaboradores das primeiras obras gramaticais, que desprezaram as variedades não letradas, supervalorizando a língua escrita literária e criando, com isso, um modelo idealizado de língua distante da fala/escrita real (Bagno, 2007a). Sendo assim, caracterizamos o discurso que ecoa o posicionamento presente na GT como sendo **a voz da gramática tradicional**. Conforme observado na tabela 1 (cf. p. 110) e nos textos aqui analisados, muitos alunos utilizaram essa voz em suas redações, o que nos levou a nomeá-la e entendê-la, como um discurso recorrente no ambiente pesquisado, sendo também reflexo de um ensino que prioriza os estudos gramaticais (cf. cap. 2, p. 31).

Podemos perceber, então, que a voz da gramática tradicional está associada aos discursos perpetuados nos compêndios gramaticais. Assim como faz a Gramática Normativa, os alunos criam dicotomias, tais como: certo X errado, adequado X inadequado, bom X ruim. É interessante observarmos que os textos apresentados na proposta de redação não faziam nenhuma ligação direta à questão das dicotomias trazidas pelos estudantes. O único texto que pode ter levado a essa ênfase do discurso apresentado pela Gramática é o depoimento de um aluno de 3º ano, que destacava o “saber escrever” e o “escrever bem”.

Texto motivador presente na proposta – depoimento de um aluno (cf. Anexo, p. 181)

Acho mesmo que escrever é importante, quer dizer, **saber** escrever (...). E então, eu me pergunto: será que só escrever **bem** basta?

Os itens destacados no texto motivador, apresentado acima, nos mostram que o saber escrever está sendo enfatizado pelo discente, mas, ao mesmo tempo e a partir de uma pergunta retórica, ele questiona esse “escrever bem”. Provavelmente, o fato de haver uma voz de um aluno na proposta pode ter contribuído para que o seu discurso fosse bastante evidenciado nas redações aqui analisadas. Logo, a voz da experiência particular de um discente parece ter sido essencial para a construção dos enunciados dos demais alunos que, de certa forma, reproduziram um discurso já dito e talvez vivenciado por eles, enquanto alunos de uma instituição pública. Os significados, assim como vimos no capítulo 4 (cf. p. 51), são influenciados pelo contexto social e cultural em que são negociados, sendo, por esse motivo, fundamental para compreendermos as escolhas linguísticas realizadas pelos discentes.

Os enunciados que ecoam a voz da gramática tradicional nos levam a compreender os mecanismos de exclusão por trás das normas gramaticais conservadoras que, ao mesmo tempo, remetem aos discursos que evidenciam o preconceito linguístico e também social, tão frequente no enunciado dos participantes desta pesquisa.

Portanto, muitos dos participantes deste estudo acreditam que o domínio da escrita padrão é um dos principais responsáveis pela inclusão social. Por outro lado, apesar de concederem à escrita um grande valor, entendendo ser estreita sua relação com a inclusão, a produção textual dos estudantes se caracteriza pelo baixo domínio da norma padrão, apontando para uma produção escrita aquém da esperada para o nível de estudo investigado. Desse modo, parece que as habilidades e competências esperadas para a última etapa da Educação Básica (Brasil, 2000), mais precisamente no tocante ao uso das diferentes manifestações da linguagem verbal (cf. cap. 2, p. 30), não tem sido tão enfatizada em sala de aula.

Observamos que a primeira voz nomeada, isto é, a da gramática tradicional, está relacionada com os discursos que propagam determinados preconceitos

sociais tão arraigados em nossa sociedade, conforme podemos observar no texto de Priscila (cf. Anexo, p. 183).

Redação 1 – “A importância da escrita”: turma B, Priscila – 6º parágrafo.

6º parágrafo	12	<u>É uma grande vergonha pro país metade da população não saber falar</u>
	13	<u>sua língua.</u> <u>é uma vergonha para o país não exigir isto.</u> Nenhum país
	14	pode ter a expectativa de progredir assim. <u>Como ter um futuro</u>
	15	<u>promissor sem exigências como a importância do português? Como</u>
	16	<u>educar seus filhos sem ao menos dar o exemplo?</u>

Priscila, no início do 6º parágrafo de sua redação, declara que “é uma grande vergonha pro país metade da população não saber falar sua língua, é uma vergonha para o país não exigir isto”, momento em que cria um ponto de argumentação, destacado em azul. Esse ponto se constitui a partir da voz da gramática tradicional, que, em consequência, está carregada de preconceitos linguísticos e de JULGAMENTO. A aluna se posiciona de forma a perpetuar uma visão preconceituosa sobre determinados falantes que, segundo ela, não sabem falar a sua própria língua (linhas 12 e 13).

Dando prosseguimento ao seu texto (linhas 13 e 14), Priscila cria uma APRECIACÃO negativa – “nenhum país pode ter a expectativa de progredir assim” –, provavelmente parafraseando uma frase contida na proposta que era: “nenhum país pode ter a expectativa de um futuro promissor (...)”.

Texto motivador presente na proposta – notícia (cf. Anexo, p. 181)

Se, já hoje, uma boa formação no ensino médio é necessária para a plena emancipação e a inserção na força de trabalho, **nenhum país pode ter a expectativa de um futuro promissor** se empurra para a margem tão grande proporção de seus jovens como nós o fazemos (...)

Ao reportar um enunciado de um texto para outro, observamos que não há relação direta entre o que foi dito no terceiro texto presente na proposta e o que a aluna está querendo dizer, pois, na notícia essa frase foi utilizada no sentido de o país não conseguir progredir se continuar excluindo o aluno da sociedade, ao contrário da sentença criada por Priscila, que a usa para dizer que o país jamais

progredirá se os falantes “não souberem falar a sua língua”. Além disso, nas linhas 14, 15 e 16, a estudante realiza duas perguntas retóricas, que evidenciam a voz da gramática tradicional (linha 15) carregada pelo preconceito social (linha 16), que se constituem por avaliações de JULGAMENTO, revelando o posicionamento da aluna de que o “futuro promissor” depende da importância atribuída ao “português”.

Do mesmo modo, Lucas, aluno da turma A, em sua redação (cf. Anexo, p. 194), utiliza enunciados que evidenciam uma visão estereotipada da escrita e de determinados falantes, demonstrando um posicionamento originário, muitas vezes, de uma visão deturpada e negativa de uma dada realidade, conforme podemos ver nos trechos destacados abaixo.

Redação 12 – “Só ensino, será mesmo?”: turma A, Lucas – 2º parágrafo.

2º parágr.	3	No Brasil há muita discriminação com quem <u>escreve inadequado.</u>
	4	<u>havendo o ensino, imagina sem ele então?</u>

Nas linhas 3 e 4, observamos que o aluno afirma que existem pessoas que, mesmo com ensino (estudo), escrevem “inadequado”. Nesse excerto já percebemos um JULGAMENTO de valor negativo, em que há uma avaliação em relação àqueles sujeitos que estudam, mas não escrevem corretamente. O uso da palavra “inadequado” ressalta um posicionamento comum, o qual pode ser associado à voz da gramática tradicional, uma vez que a mesma tende a considerar como válida apenas a norma culta. O aluno afirma que a discriminação existe contra as pessoas que têm estudos e que não sabem escrever adequadamente, questionando, então, como aqueles que nunca tiveram estudos serão tratados.

Redação 12 – “Só ensino, será mesmo?”: turma A, Lucas – 3º parágrafo.

3º parágrafo	5	Aqui no Brasil é mas do que importante o ensino da escrita da língua
	6	portuguesa, <u>vamos supor você já sendo negro que já é recriminado</u>
	7	<u>socialmente, morador de favela, e ainda não souber escrever</u>
	8	<u>corretamente a sua língua já era ne? Nunca será aceito pela alta</u>
	9	<u>sociedade este tipo de pessoa.</u>

No terceiro parágrafo, Lucas, a partir de uma GRADAÇÃO de reforço, afirma que em nosso país o ensino da escrita “é mas do que importante” (linha 5). Para justificar o seu ponto de argumentação, o seu discurso é composto por uma avaliação de JULGAMENTO com base na voz que repercute o preconceito linguístico e social, que é revelada em seu próprio enunciado: “vamos supor você já sendo negro que já é recriminado socialmente, morador de favela, e ainda não souber escrever corretamente a sua língua já era ne?” (linhas 6 a 9).

Logo, Lucas lança mão de Julgamentos de valor negativo para caracterizar uma “pessoa negra”, “moradora de favela” e “sem estudos”. Esse “tipo de pessoa”, como ele mesmo escreve na linha 9, tem poucas chances de ser aceita pela “alta sociedade”. A exclusão social, então, parece surgir como consequência de uma sanção social, isto é, como forma de uma punição social, para aqueles que não se enquadram no padrão esperado pela “alta” sociedade. Desse modo, a partir do item lexical “tipo” (GRADAÇÃO de reforço), em contraste com a palavra “alta”, há certo preconceito social e linguístico, em que o aluno tende a reproduzir duas realidades que parecem ser descritas por ele mesmo como opostas: aquela vivenciada por uma pessoa negra, moradora de comunidade que não estuda e aquela representada pela “alta sociedade”. Esse “tipo de pessoa” nunca será aceito pela “alta sociedade”, porque não representa o padrão socialmente aceito por ela, que parece ser o oposto daquilo que o aluno criou.

Por esse motivo, identificamos que os enunciados que se aproximam de um discurso baseado em fortes crenças e estereótipos estão associados à **voz do preconceito linguístico e social**, sendo aqui caracterizada como aqueles discursos que apresentam avaliações negativas em relação ao uso da língua e de seus falantes. Como já dito anteriormente, tal voz parece estar relacionada com a voz da gramática tradicional, já que a mesma foi criada com base em um grupo social socioeconomicamente prestigiado. Segundo Bagno (2007a), os formadores das primeiras obras gramaticais – que perduram até os dias de hoje – criaram um modelo de língua idealizado, distante da fala real e próximo de membros da elite cultural, da aristocracia política e detentores da riqueza econômica.

Tendo, então, como base principal um modelo idealizado de língua, a Gramática Tradicional não leva em conta o uso real da linguagem e desconsidera aqueles falantes que não dominam a norma padrão. Com isso, o preconceito linguístico e social é instaurado e reproduzido dentro das próprias escolas, uma

vez que “a escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 14). Os alunos, ao trazerem a voz da gramática tradicional, trazem, conseqüentemente, a voz do preconceito linguístico e social. Esses juízos de valor, que constroem o posicionamento dos alunos participantes desta pesquisa, demonstram que as vozes são carregadas por ideologias e crenças e, por isso, trazem avaliações de Julgamento.

Apesar de percebermos que tais vozes estão presentes nos enunciados dos alunos deste estudo, acreditamos que eles não têm consciência dos discursos que estão reproduzindo, pois como vimos no capítulo 3 (cf. p. 45), as vozes surgem em resposta e enunciados anteriores e a outros que ainda estão por vir. Além disso, as ideologias propagadas nas redações refletem o contexto de situação em que os alunos fazem parte, abrangendo a realização da linguagem em um dado contexto, ao mesmo tempo em que seus enunciados resultam do contexto de cultura que envolve todos os possíveis sentidos de uma dada cultura. Logo, os significados criados correspondem aos níveis extralinguísticos da linguagem, que são realizados nos níveis linguísticos, como discutido no capítulo 4 (cf. p. 55).

As duas vozes anteriormente apresentadas, isto é, as que evidenciam os discursos presentes na Gramática Tradicional e os enunciados que repercutem uma visão embasada no preconceito linguístico e social, podem estar atreladas também a opiniões tidas como uma verdade quase absoluta, caracterizada pelo senso comum. A redação de Andressa (cf. Anexo, p. 188), aluna da turma B, é um exemplo de um discurso baseado em uma opinião comum, conforme o excerto destacado a seguir.

Redação 6 – “Língua Portuguesa no nosso cotidiano”: turma B, Andressa – parágrafo único (linhas 1, 2 e 3).

Parágrafo único	1	Hoje para ter um bom emprego é obrigatório ter o ensino médio
	2	completo e até mesmo uma faculdade, pós graduação doutorado e
	3	outras coisas mais.

Nas linhas 1, 2 e 3, Andressa traz uma opinião comum: a de que é obrigatório ter estudos para conseguir um bom emprego. Ao trazer os níveis de escolaridade, a partir de uma sequência – ensino médio, faculdade, pós-graduação,

doutorado – a aluna dá ênfase a escolaridade, o que é um posicionamento compartilhado por muitas pessoas que vêem a educação como a salvação para os problemas sociais. Percebemos, também, que o discurso empresarial está sendo utilizado neste texto, como forma de corroborar o posicionamento da aluna, no momento em que ela traz o exemplo de “bom emprego”.

Bem como Andressa, Priscila (cf. Anexo, p. 183) traz um discurso baseado no senso comum para construir o seu posicionamento, conforme podemos perceber no trecho apresentado abaixo, mais especificamente nas linhas 7, 8 e 9.

Redação 1 – “A importância da escrita”: turma B, Priscila – 5º parágrafo.

5º parágrafo	7	<u>A sociedade em geral se preocupa mais com o dinheiro do que sua</u>
	8	<u>própria cultura, o Brasil se importa mais com coisas fúteis do que</u>
	9	<u>com a educação.</u> A educação deveria ser obrigatória para qualquer
	10	profissão, deveria existir lei para todos terminarem a escola ou ter
	11	uma boa faculdade.

No momento em que diz que “a sociedade em geral se preocupa mais com o dinheiro do que sua própria cultura, o Brasil se importa mais com coisas fúteis do que com a educação”, Priscila traz uma opinião comum: a de que o brasileiro não se preocupa com coisas importantes. Com base em crenças, construídas a partir de uma avaliação de JULGAMENTO negativo, a aluna descreve a população brasileira, e não apenas o país em si, como um povo que se importa mais com “coisas fúteis” do que com a própria educação. O JULGAMENTO – ligado à estima social e relacionado à capacidade, isto é, o quão capaz o sujeito é de refletir sobre determinados assuntos – surge como consequência da falta de estudos e, sobretudo, do domínio da língua padrão. Tal visão do brasileiro, enquanto um ser que não pensa, é baseada em conclusões que se tornaram verdades universais, sendo, portanto, fruto do senso comum.

Por esse motivo, caracterizamos a presença daqueles discursos que permeiam todas as classes sociais e que acabam formando uma opinião pública (Abreu, 2006) como a **voz do senso comum**. Os textos que apresentam esse tipo de voz, geralmente apresentam crenças que circulam socialmente e que são compartilhadas por classes sociais específicas ou mesmo diferenciadas.

Desse modo, a opinião dos alunos é construída a partir de vozes de julgamento, associadas aos enunciados que circulam socialmente. Tendo em vista que estamos tratando de um contexto escolar, foi possível encontrar, também, aqueles discursos que propagam as ideologias presentes no ambiente pedagógico, como na redação de Anna Paula (cf. Anexo, p. 185).

Redação 3 – “A importância do estudo”: turma A, Anna Paula – 2º parágrafo.

2º parágrafo	1	A fala é muito importante para tudo pois é através dela que
	2	escrevemos adequado, e essa união é fundamental <u>se sabemos falar</u>
	3	<u>conseguiremos escrever bem,</u> e teremos um bom futuro pois para
	4	<u>tudo que fizermos seja na escola, na faculdade, em um trabalho</u>
	5	<u>precisamos deles para agirmos e comportarmos adequadamente.</u>

Ao associar a fala com a escrita, Anna Paula acredita que uma é dependente da outra, isto é, se você souber falar bem, conseqüentemente saberá escrever adequadamente. Essa visão pode estar atrelada à voz dos professores de língua portuguesa, que muitas vezes acreditam ser necessário saber a gramática para falar e escrever corretamente. Segundo Bagno (2007b, p. 62), tal declaração é um mito que “vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muitos compêndios gramaticais”. Logo, “o saber” falar/escrever está sendo considerado como reflexo do bom uso das regras gramaticais, de modo que parece haver uma estreita relação entre a fala e a escrita, como se ambas não apresentassem as suas especificidades. Contudo, sabemos que a escrita não pode ser considerada pura e simplesmente reflexo da fala, já que ela tem as suas próprias características.

A união entre a aprendizagem correta da fala e da escrita, segundo Anna Paula, permite que o sujeito tenha êxito nos ambientes que, geralmente, exigem o uso correto da língua portuguesa, como as escolas, as faculdades e os trabalhos (linha 4). O uso apropriado de tais modalidades recebe tamanha influência, que a estudante declara que tanto a fala quanto a escrita influenciam no comportamento adequado de uma pessoa (linha 5). Podemos dizer que o bom comportamento parece estar associado com a boa educação, isto é, somente têm educação os sujeitos que dominam a língua portuguesa, pois os mesmos sabem se comportar e agir adequadamente em ambientes como escolas, faculdades e trabalhos. Por outro

lado, aqueles que não têm o domínio da norma padrão não conseguem ter um bom comportamento nos espaços sociais, nos quais estão inseridos. Nesses casos, temos a apresentação de avaliações de JULGAMENTO – na construção do discurso pedagógico – correspondentes ao bom comportamento dos sujeitos associados ao uso correto da fala/escrita (linhas 2, 3, 4 e 5).

De igual modo, Aline, no segundo parágrafo de sua redação, traz nuances do discurso pedagógico no momento em que afirma que a leitura e a escrita permitem ao sujeito a criação de argumentos e opiniões, como destacado no trecho a seguir.

Redação 2 – “A importância da escrita”: turma B, Aline (cf. Anexo, p. 184).

2º parágrafo	1	Quando escrevemos e lemos nos sentimos saudáveis e incluídos na
	2	sociedade. Se pararmos para pensar de como seria a vida sem a
	3	escrita e a leitura, a nossa vida social seria talvez um fracasso. Pois
	4	quando escrevemos e lemos passamos a ter um entendimento
	5	melhor, um argumento e uma opinião.

Ao introduzir o seu parágrafo com uma afirmação, a autora demonstra que a leitura e a escrita são capazes de fazer com que o sujeito se sinta “saudável e incluído na sociedade”, o que nos remete a uma avaliação de JULGAMENTO de valor positivo, ligado à estima social e relacionado à capacidade. Observamos que a leitura e a escrita são humanizadas, como se ambas pudessem se comportar de modo a permitir com que o ser humano se sinta bem, isto é, saudável e incluído no meio social em que vive.

Ainda mostrando a importância da leitura e da escrita para a sociedade, Aline expõe que sem elas “a nossa vida social seria talvez um fracasso” (linha 3), o que constitui uma avaliação de JULGAMENTO, composta por uma GRADAÇÃO de foco (suavização) pelo uso do “talvez”. Em seguida, completa o seu ponto de argumentação, destacado em azul nas linhas 1 e 2, com base no discurso pedagógico, uma vez que enfatiza que as duas, ou seja, a leitura e a escrita, permitem que o cidadão tenha “um entendimento melhor, um argumento e uma opinião” (linhas 4 e 5). Tal discurso é recorrente no ambiente escolar, especialmente, nos enunciados de alguns professores, que acreditam ser estreita a relação entre a aprendizagem da língua e de seu uso real no cotidiano. Bem como essa posição trazida pela aluna, que remete a uma visão social de linguagem, nesta

pesquisa defendemos que a escrita é uma das formas de inclusão social e que pode permitir o pleno desenvolvimento do cidadão dentro da sociedade (cf. cap. 2, p. 31).

Então, encontramos um discurso bastante frequente nos textos dos alunos pesquisados, que é aquele que corresponde ao ambiente pedagógico. Por essa razão, denominamos de **voz do discurso pedagógico** os enunciados que estão diretamente associados ao contexto escolar. Como estamos tratando de um ambiente escolar, os discentes trazem os discursos que ali circulam e que muitas das vezes estão presentes na fala dos professores de língua portuguesa (cf. redação 3, p. 185) ou que dizem respeito a concepções de ensino que priorizam o uso social da linguagem (cf. redação 2, p. 184) ou a aprendizagem mecânica de questões puramente gramaticais (cf. redação 1, p. 183).

Enfim, conseguimos observar que as vozes aqui nomeadas se compõem a partir de avaliações de Julgamento, que correspondem aos discursos propagados no meio social em que estamos inseridos. Por conseguinte, muitos alunos trazem aqueles enunciados com os quais tiveram contato durante as suas trajetórias de vida, revelando que o contexto situacional e cultural é fundamental para observarmos a realização da linguagem em dado contexto e as relações que ali são estabelecidas (cf. cap. 4, p. 55). Também é possível caracterizar o gênero, mais especificamente a redação dissertativo-argumentativa, como processo e ação social, já que é fundamental reconhecermos a importância do outro na interação (cf. cap. 5. seção 5.3, p. 78). Por esse motivo, a próxima subseção tem como finalidade reunir os principais discursos (vozes) encontrados nas redações aqui investigadas, objetivando caracterizá-los e entendê-los a partir do contexto em que foram produzidos.

7.3.1

O que são essas vozes? Caracterizando os discursos encontrados nas redações

Depois de caracterizarmos e nomearmos as vozes mais sobressalentes nas redações dos estudantes – *voz do eu* e *voz do nós*, voz da gramática tradicional, voz do preconceito linguístico e social, voz do senso comum e voz do discurso

pedagógico – apresentaremos um quadro-resumo, com o objetivo de observarmos as vozes aqui descritas, em diálogo com o contexto de situação e de cultura.

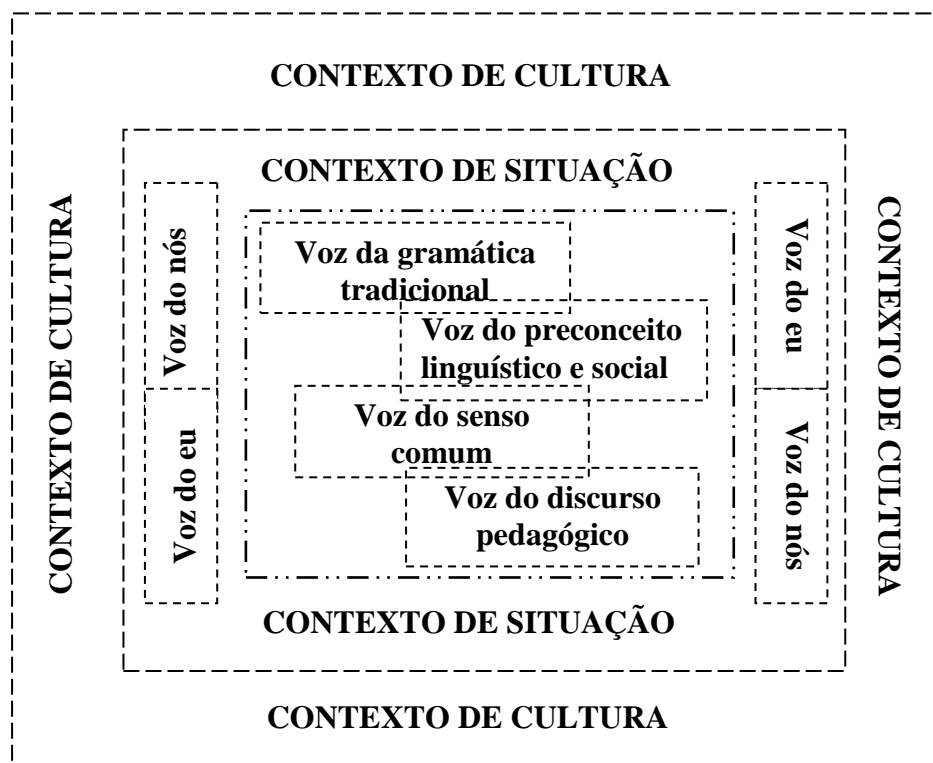


Figura 10 – Quadro-resumo das vozes de julgamento associadas ao contexto de situação e ao contexto de cultura

Podemos perceber que todas essas vozes vêm carregadas de crenças e posicionamentos ideológicos, uma vez que elas se compõem a partir de discursos sociais. Por essa razão, a *voz do nós* está presente em todos os textos analisados, assim como a *voz do eu*, apesar dessa última não ser, muitas vezes, tão evidente. Entretanto, acreditamos que o posicionamento do aluno sempre estará presente em seu discurso, o que caracteriza a sua própria voz, mesmo que representada ou por um testemunho ou mesmo por uma avaliação de Julgamento, como temos visto até agora.

Além disso, conseguimos relacionar os discursos de modo que um é quase a complementação do outro. Assim, ao identificarmos os discursos que propagam a visão da Gramática Tradicional, estamos encontrando, também, os enunciados baseados no preconceito linguístico e social, uma vez que a própria GT costuma difundir uma concepção preconceituosa e excludente das classes que não dominam a norma padrão. Por outro lado, o discurso presente na Gramática

Tradicional é uma opinião comum compartilhada por um grupo de estudiosos que deram ênfase a um modelo de língua distante da fala/escrita real. Por esse motivo, tanto os enunciados presentes na GT quanto o que ela parece veicular, ou seja, o preconceito, são compostos por opiniões compartilhadas e descritas por um grupo social (os formadores das gramáticas), mas que foram absorvidos por outros grupos. Portanto, acreditamos que a voz do senso comum compõe as outras vozes, uma vez ela é carregada de crenças socialmente compartilhadas. Por fim, encontramos a voz do discurso pedagógico, que corresponde aos enunciados que englobam as inúmeras visões que compõem o ambiente pesquisado.

Enquanto uma instituição de ensino, a escola é permeada por discursos que difundem visões diferenciadas acerca da escrita, que pode ser vista por vários ângulos. Os alunos demonstraram posicionamentos baseados na gramática tradicional, carregada de preconceitos, que eram originários de valores comuns compartilhados por um grupo social e, que, por sua vez, formaram um enunciado próprio do contexto pedagógico investigado. Assim, podemos entender as vozes como representação de um sistema de escolhas disponíveis aos escritores. Ainda que outras vozes⁴¹ tenham aparecido nos textos dos alunos, não observamos tanta frequência no seu uso, por esse motivo, tratamos apenas daquelas que foram mais recorrentes e evidentes no sistema de enunciados disponíveis no contexto pedagógico em questão.

Levando em consideração que as vozes estão interligadas, havendo interdependência entre todas, chegamos à conclusão de que as vozes aqui nomeadas compõem o contexto de situação, conforme a figura 10, acima apresentada, pois revelam os enunciados pertencentes a um contexto específico de interação. O contexto de cultura é composto por todas essas vozes e por tantas outras que estão disponíveis no universo cultural da comunidade pesquisada, pois como podemos observar, o contexto de situação está dentro do contexto de cultura, o que nos possibilita dizer que o contexto de cultura é composto pelo contexto situacional. Além disso, temos esses resultados, porque pesquisamos a partir de um gênero específico, um grupo de alunos pertencentes a uma determinada comunidade. Caso tivéssemos, no contexto de situação, três variáveis contextuais (campo, relações e modo) distintas, muito provavelmente, obteríamos

⁴¹ Como, por exemplo, a voz positivista e a voz dos patriotas.

outros resultados, pois os significados são construídos no uso e dependentes do seu contexto de produção (cf. cap. 4, subseção, 4.1.1.1, p. 54).

Enfim, após caracterizar as vozes mais sobressalentes nas redações, passaremos para a observação da influência das vozes da proposta nos textos dos participantes desta pesquisa, apesar de já termos mostrado que muitos discursos que foram analisados estão diretamente ligados aos textos motivadores ali presentes (cf. p. 100 e 113).

7.4 Analisando a proposta de redação

Para observarmos a influência da proposta nos textos dos alunos participantes deste estudo, analisaremos os principais discursos encontrados na mesma. Por isso, faremos uma exposição da proposta, tentando entendê-la a partir de uma visão dialógica (cf. cap. 3, p. 39) e funcional (cf. cap. 4, p. 50) de linguagem.

O primeiro texto motivador presente na proposta foi retirado de um artigo da internet e é perpassado por vozes, que estão atreladas a uma visão social da leitura e da escrita (cf. cap. 2, subseção 2.1.1, p. 28).

Texto motivador 1 – artigo (disponível em www.artigonal.com)

Ler e escrever faz parte do **cotidiano** de todas as pessoas, por isso a sua importância no **convívio social**. É através do **uso** da leitura e da escrita que o sujeito vai sentir-se **incluso** na sociedade e ser caracterizado como **cidadão participante**. Sabemos que um dos responsáveis pela **socialização** do indivíduo é a escola.

Como podemos notar pelo viés dialógico, o primeiro excerto está baseado em uma perspectiva funcional de uso da leitura e da escrita. As palavras em negrito, acima destacadas, revelam o posicionamento do autor do texto de que a escrita é importante para a inserção do sujeito na sociedade, ou seja, a escrita, e também a leitura, é essencial para a inclusão social, bem como a escola é uma das agências responsáveis por essa socialização. Associamos, então, esse discurso à visão de ensino de produção textual baseada na voz dos documentos nacionais que

regem a educação brasileira, como a LDB, os PCNEM e as Orientações Curriculares para o EM (cf. cap. 2, p. 28), pois tais documentos revelam a necessidade de um ensino voltado para o aspecto social e comunicativo da linguagem, enfatizando a sua importância para o exercício da cidadania.

Em relação a uma visão funcional, podemos dizer que a análise da variável situacional “campo” nos revela afirmações sobre a importância da leitura e da escrita para a socialização do indivíduo. As “relações” estabelecidas dizem respeito ao sujeito social, o indivíduo (cidadão) e a escola, enquanto o “modo” de realização corresponde a uma linguagem mais para formal/acadêmica.

O segundo texto, por sua vez, é um depoimento de um aluno do 3º ano do EM de uma escola pública, que se posiciona claramente sobre a importância da escrita em nosso meio social, levando em conta uma avaliação da imagem de determinado grupo social.

Texto motivador 2 – depoimento de um estudante do 3º ano do EM.

“**Acho** mesmo que escrever é importante, quer dizer, **saber** escrever. Só que muita gente se esquece que há muitos artistas, jogadores de futebol e até empresários que nem tem o primeiro grau, mas **acumulam** muitos milhões em suas **contas bancárias**. E então, eu me pergunto: será que só escrever bem **basta**? Será que essa é a **salvação**? Será que é disso que eu **preciso**? Eu sei que só nascem um ou dois Sócrates e Pelés no mundo, mas quantas outras pessoas se saem bem sem estudar? Isso se chama ‘**estrela**’. Ou a pessoa tem ou não tem.”

O depoimento do estudante se inicia com o verbo “achar”, na 1ª pessoa do singular, seguido de uma GRADAÇÃO “mesmo” e do seu ponto de vista: “escrever é importante.” Contudo, após uma reformulação, acompanhada de uma GRADAÇÃO de foco (reforço) pelo uso do “saber escrever”, ele afirma que é importante escrever, sobretudo, **saber** escrever. Essa ênfase traz a voz da gramática tradicional, visto que a mesma considera como válida, especialmente, a escrita padrão. Desse modo, quando o aluno afirma que “saber escrever é importante”, e não apenas escrever, ele está se posicionando de modo a reforçar o discurso da norma culta em detrimento das demais variedades.

Além disso, o aluno traz o exemplo de profissões economicamente favorecidas (artistas, jogadores de futebol e empresários), criando uma avaliação

de JULGAMENTO negativo desse grupo – representada por uma voz do senso comum – que muitas das vezes “acumulam milhões em suas contas bancárias” sem terem, no mínimo, o “primeiro grau”. Após esse momento, o estudante questiona o seu ponto de vista inicial, de que saber escrever é importante, mediante o uso de quatro perguntas retóricas: “será que só escrever bem **basta?** Será que essa é a **salvação?** Será que é disso que eu **preciso?** Eu sei que só nascem um ou dois Sócrates e Pelés no mundo, mas quantas outras pessoas se saem bem sem estudar?”. Os itens lexicais utilizados – “basta”, “salvação” e “preciso” – parecem revelar que a escrita não é tão importante quanto parece, todavia, o discente reconhece a supremacia da mesma, já que ele afirma que nem todos têm “estrela” e poucos são os “Sócrates e Pelés” da vida.

Em relação à variável situacional “campo” presente no depoimento do aluno, observamos um valor atribuído à escrita, ao mesmo tempo em que há um questionamento da influência do domínio da escrita na inclusão social. Quanto à variável “relações”, o discente traz os participantes da interação representados pelos artistas, jogadores de futebol e empresários. Já no “modo”, encontramos uma linguagem escrita (relato), mais para informal.

O terceiro texto foi retirado de um blog e traz vozes oriundas, principalmente, do discurso pedagógico (representado pela voz do aluno) e do discurso da mídia, enfatizando a realidade da educação brasileira e constituindo, sobretudo, uma avaliação de JULGAMENTO negativo do comportamento da sociedade.

Texto motivador 3 – notícia (disponível em <http://blogolitica.blogspot.com>)

Se, já hoje, uma **boa formação** no ensino médio é necessária para a **plena emancipação** e a inserção na **força de trabalho**, nenhum país pode ter a expectativa de um futuro promissor se **empurra** para a **margem** tão grande proporção de seus jovens como nós o fazemos. E, na maioria dos casos, o jovem deixa a escola com um profundo sentimento de **não pertença** à sociedade e com a **autoestima rebaixada**, o que **afeta** profundamente o seu futuro relacionamento com essa mesma sociedade. As **consequências** estão à vista de todos.

Essa notícia, que foi publicada em um blog sobre política e educação, não trata especificamente da escrita, mas aborda a questão da escola na inclusão

social, tema intimamente relacionado com a proposta aplicada nas escolas. Podemos observar que o autor desse texto declara que uma boa formação no ensino médio é necessária para emancipação e inserção do sujeito no trabalho. Entretanto, a partir de uma avaliação de JULGAMENTO negativo do Brasil, o escritor declara que o país tem empurrado muitos jovens para a margem da sociedade, fazendo com que eles próprios se sintam excluídos e inferiores, com uma “autoestima rebaixada”. Tal situação nos remete a reportagem recente do jornal “O Globo” (cf. cap. 2, subseção, 2.3.1, p. 36), que confirma a realidade de muitos jovens que estão abandonando as escolas por falta de apoio e incentivo. Logo, tanto o discurso propagado pela notícia quanto pela reportagem estão baseados na realidade de alunos brasileiros, geralmente insatisfeitos com o ensino e cujas vozes estão latentes nos enunciados desses autores.

A notícia evidencia, na variável “campo”, uma visão que enfatiza a importância da boa formação do sujeito no ensino médio, ao mesmo tempo em que questiona o papel da sociedade na exclusão social dos mesmos. Os participantes da interação, nas “relações”, são representados pela nação, escola, jovens e sociedade em geral. Já o “modo” utilizado foi o escrito em uma linguagem que podemos chamar de (in)formal.

Por fim, a redação contém uma imagem retirada do “Google Images”, cujo foco principal é tratar o novo acordo ortográfico, a partir de uma fala mais informal, representada por um grupo social desprestigiado socioeconomicamente, e com palavras em língua inglesa.

Texto motivador 4 – imagem (retirada do “Google Images”)



Com base em uma fala coloquial e próxima do discurso jovial, a imagem utilizada visa retratar a situação do novo acordo ortográfico, que parece não ter agradado a uma determinada classe. É possível perceber que duas realidades distintas são criadas: uma vivenciada pelo aluno, que é visto como aquele que não fala o português padrão e outra pela professora, que não entende o que ele fala. Além disso, o menino representa uma classe social tida como estigmatizada e que demonstra ser inferior a classe privilegiada pela escola, uma vez que não há compreensão por parte da professora em relação ao que o menino diz. Com isso, a imagem tende a propagar uma visão estereotipada dos jovens, em especial, daqueles que não falam o português padrão, ressaltando uma voz baseada no preconceito linguístico e social.

O “campo” é representado pela situação rotineira de não entendimento entre participantes que usam diferentes variantes da língua portuguesa, as “relações” são evidenciadas pelo professor, o aluno e seus colegas e o “modo” usado é a linguagem escrita/visual informal.

A imagem, assim como os demais textos, pode ter inúmeras interpretações possíveis, a depender do sujeito que a observa, do contexto em que ele está inserido e de outros fatores externos que escapam a nossa análise (cf. cap. 4, subseção 4.1.1.1, p. 54). Contudo, sabemos que a mesma propaga diversos discursos, que trazem fortes avaliações e ideologias. O aluno pode, então, utilizá-la de maneiras e formas distintas, como já temos visto até agora.

Foi possível notar, no decorrer das seções 7.2 (cf. p. 104) e 7.3 (cf. p. 108), que os estudantes trazem vozes presentes na proposta de redação, mostrando que a mesma influenciou na escrita de muitos alunos. Por essa razão, dedicaremos à próxima subseção para análise de uma redação que apresentou muito nitidamente as vozes presentes na proposta.

7.4.1 Influência da proposta nas redações

Com intuito de exemplificar as vozes da proposta que foram utilizadas com bastante frequência nos textos dos alunos, trazemos para análise a redação de Vanessa (cf. Anexo, p. 186), aluna da turma B. No primeiro parágrafo, encontramos vozes advindas do primeiro texto motivador presente na proposta,

que foi retirado de um artigo da internet. No excerto, abaixo apresentado, a estudante utiliza palavras como: inclusão social (linha 1), cotidiano (linha 2), cidadãos (linha 4) e sociedade (linha 4). Todas essas palavras estão associadas ao artigo, mostrando uma ênfase na perspectiva funcional de uso da leitura e da escrita, ao mesmo tempo em que juntas se unem para formar o ponto de vista argumentativo da autora, destacado em rosa nas linhas 1 e 2.

Redação 4 – “Brasil o país do futebol”: turma B, Vanessa – 1º parágrafo.

1º parágrafo	1	Saber ler e escrever é de suprema importância na inclusão social dos
	2	indivíduos, pois a leitura e a escrita faz parte do nosso cotidiano .
	3	Mas será que a escola tem feito o seu papel certo, de incluir esses
	4	cidadões na sociedade ?

Texto motivador – artigo (cf. Anexo, p. 181).

Ler e escrever faz parte do **cotidiano** de todas as pessoas, por isso a sua importância no **convívio social**. É através do **uso** da leitura e da escrita que o sujeito vai sentir-se **incluso** na sociedade e ser caracterizado como **cidadão** participante. Sabemos que um dos responsáveis pela **socialização** do indivíduo é a escola.

Contudo, apesar de haver no artigo uma afirmação sobre a importância da escola na socialização do indivíduo, Vanessa questiona o papel da escola nessa inclusão social, ao utilizar uma pergunta retórica, presente nas linhas 3 e 4. Tal questionamento nos mostra que as vozes da proposta também vêm carregadas da voz da própria estudante (*voz do eu*), já que ela não apenas reproduz o discurso já dito, mas o constrói com base em suas experiências particulares, a partir de uma pergunta retórica, demonstrando protesto em relação ao papel da escola. Observamos que o “campo” da redação se aproxima do da proposta (texto motivador 1), pois a aluna traz a importância da leitura e da escrita para a socialização do indivíduo, no entanto, com a sua própria voz, ela questiona o papel da escola nessa inclusão, ao contrário do artigo. O uso das vozes da proposta na redação da aluna demonstra a sua capacidade de usar tais enunciados e ainda imprimir o seu posicionamento acerca do discurso trazido da proposta.

O segundo parágrafo, por sua vez, está relacionado com a imagem presente na proposta (cf. p. 181), uma vez que a aluna fala da nova correção ortográfica, afirmando que a mesma “prejudicou e ainda prejudica muitas pessoas” (linha 6), o que nos aproxima da variável “campo” presente na imagem.

Redação 4 – “Brasil o país do futebol”: turma B, Vanessa – 2º parágrafo.

2º parágrafo	5	Atualmente aqui no Brasil convivemos com a nova correção
	6	ortográfica, isso prejudicou e ainda prejudica muitas pessoas que
	7	estavam acostumadas e também aprenderam aquele outro jeito de
	8	pontuar as palavras e que agora tem sérias dificuldades de escrever e
	9	elaborar algo. Será que quando aprovaram essa nova ordem
	10	ortográfica pensaram nesse povo? Provavelmente não.

Nas linhas 9 e 10, Vanessa constrói o seu discurso com base em uma avaliação de JULGAMENTO negativo, em relação às pessoas que aprovaram a lei do novo acordo ortográfico. A partir das vozes oriundas da imagem, ela parece dividir a população em duas partes basicamente: aquela representada pelas pessoas que aprovaram e sabem a nova ortografia e aquela representada pelo povo que ainda não se acostumou com tal realidade. Além disso, o posicionamento da aluna também se compõe a partir das vozes da gramática tradicional, pois há ênfase no escrever corretamente, a partir do bom uso da pontuação, como Vanessa ressalta, nas linhas 7 e 8.

Já no terceiro parágrafo encontramos vozes advindas da proposta, a partir do uso do depoimento de um aluno do 3º ano (cf. p. 181), já que a estudante traz o exemplo de jogadores de futebol para avaliar negativamente o país.

Redação 4 – “Brasil o país do futebol”: turma B, Vanessa – 3º parágrafo.

3º parágrafo	11	Aqui no Brasil não somente a língua portuguesa, mas também a
	12	educação em si não é priorizada, somos conhecidos mundialmente
	13	apenas como o “País do Futebol” ou “País do Samba” aonde para
	14	you ter uma vida boa e sucesso é mais fácil you “crescer” chutando
	15	uma bola ou dançando do que crescer com esforço, estudando,
	16	acordando cedo toda manhã.

A autora usa o JULGAMENTO negativo para caracterizar uma realidade social, que busca valorizar aqueles empregos que parecem ser mais “fáceis”. É possível perceber que o JULGAMENTO vem a partir de uma crítica social muito forte, uma vez que há um questionamento acerca das disparidades que assolam a sociedade: parece ser paradoxal uma pessoa que se esforça, estuda e acorda cedo toda manhã ter menos chances de sucesso na vida que aqueles que “crescem chutando uma bola ou dançando” (linhas 14 a 16).

No último parágrafo é possível encontrar ecos de vozes advindas do blog de política e educação, visto que em ambos os casos há uma denúncia social, de que o país e a própria escola tem empurrado muitos jovens para a margem da sociedade.

Redação 4 – “Brasil o país do futebol”: turma B, Vanessa – 4º parágrafo.

4º parágrafo	17	Infelizmente a própria escola muitas vezes expulsa o aluno querendo
	18	mostrar que ele não é capaz de concluir o ensino médio e mais tarde
	19	chegar ao ensino superior.

Texto motivador – notícia (cf. Anexo, p. 181).

Se, já hoje, uma boa formação no ensino médio é necessária para a plena emancipação e a inserção na força de trabalho, nenhum país pode ter a expectativa de um futuro promissor se empurra para a margem tão grande proporção de seus jovens como nós o fazemos. E, na maioria dos casos, o jovem deixa a escola com um profundo sentimento de não pertença à sociedade e com a autoestima rebaixada o que afeta profundamente o seu futuro relacionamento com essa mesma sociedade. As consequências estão à vista de todos.

As escolhas lexicogramaticais usadas no quarto parágrafo – “infelizmente, expulsa, não é capaz” – nos remetem as seguintes palavras presentes na notícia: “empurra, margem, não pertença e autoestima rebaixada”. Podemos dizer que o discurso presente nas linhas 17, 18 e 19 revelam vozes de alunos insatisfeitos com a educação pública, que são aqui consideradas como a voz do discurso pedagógico em diálogo com a voz *do eu*. Afinal de contas, estamos lidando com alunos de escolas públicas que têm sofrido com a exclusão social, como vimos no capítulo 2 (cf. p. 33). Podemos perceber, mais uma vez, a capacidade que a aluna

tem de usar as vozes da proposta na construção do seu ponto de vista, revelando a sua grande insatisfação com a postura da escola.

Por fim, Vanessa aprecia negativamente o desempenho da escola, assim como julga, de forma negativa, o fato de ela desmerecer o aluno (linhas 17, 18 e 19). Podemos dizer que mais do que uma avaliação feita ao objeto em si, isto é, a escola, a aluna avalia o comportamento da mesma, que parece ser humanizada. Nesse caso, há um JULGAMENTO de valor negativo, relacionado à sanção social, no campo da propriedade, na medida em que há uma denúncia de que a escola não está tendo uma postura adequada e, por isso, está agindo incorretamente com os seus alunos. Tal denúncia também é apresentada na notícia, que pode ter influenciado o posicionamento da estudante, reiterando à variável “campo” presente na notícia.

As vozes descritas nesta subseção nos mostram que os discursos presentes na proposta estão também presentes em algumas redações de alunos que enfatizam de uma ou outra forma os enunciados que circulam nos textos motivadores. Por essa razão, podemos enfatizar a polifonia presente nos discursos, quando percebemos que os alunos dialogam com tais textos motivadores, sendo, por esse motivo a enunciação um ato responsivo, resultado do diálogo com discursos pré-existentes como discutido no capítulo 3 (cf. seção 3.2, p. 44).

Portanto, neste capítulo mostramos que as vozes estão presentes nas redações dos alunos e na própria proposta encaminhada às escolas, do mesmo modo que tais vozes se constituem por avaliações de Julgamento. No próximo capítulo investigaremos, mais detalhadamente, o uso das vozes de julgamento na construção de pontos de argumentação. Além disso, observaremos o posicionamento dos alunos acerca da escrita e da inclusão social, no momento em que constroem o ponto de vista argumentativo em diálogo com os pontos de argumentação.